

## Do Sentido da Vida e da Produção de Significado Reflexões de Espírito Individual

- DADO QUE uma das maiores inquietações filosóficas de todos os tempos é aquela que envolve o chamado *meaning of life* (sentido da vida);
- DADO QUE aparentemente um número gigantesco de pessoas parece carecer de sentido em suas ações (o que as leva a comportamentos danosos e, por vezes, a patologias);
- DADO QUE um ser humano não é igual a outro, mas que há entre todos uma mesma base sobre a qual é construída toda e qualquer diferença entre eles;

APRESENTO as reflexões abaixo.

1

Estou profundamente inclinado a concordar com Nietzsche quando ele diz que não faz sentido a um vivente julgar qual o valor da vida. Afinal, somos parte neste julgamento, não podemos, pois, ser juízes. Assim, se não podemos julgar o valor da vida, podemos encontrar o *meaning of life* (significado/sentido da vida)? Ainda segundo Nietzsche (e concordo com ele), todo julgamento sobre o valor da vida é um sintoma de quanto o “julgador” está satisfeito com sua própria vida, não um julgamento sobre a vida em abstrato. A vida, assim, não tem valor em abstrato, mas apenas concretamente. Algo assim pode ter sentido? Aparentemente sim. Qual a origem de tal sentido?

2

Estou profundamente convencido de que na vida há significados, por assim dizer, e são os significados que constroem, de modo amplo, o *meaning of life*. Tais significados podem, ou não, ser do tipo absoluto ou metafísico, algo objetivo. Não faz diferença na prática (embora esteja convencido de que os significados não são do tipo objetivo, mas subjetivo). O importante é que nossos cérebros (nossas mentes) consomem significados como nossos pulmões consomem oxigênio. Assim, estou convencido de que o bem estar humano deriva diretamente da percepção de significado por cada ser humano.

3

Também estou profundamente inclinado a concordar com Bourdieu quando este fala sobre a percepção social sobre nós. Os significados que percebemos parecem estar muito mais atrelados a um significado social que a um significado universal (no sentido de natureza). Assim, a percepção que temos do que dá significado a nossa vida está ligada à percepção que nossos “pares” têm. Importante notar que falo em nossos “pares” e não na sociedade na qual estamos incluídos. Chamo aqui de “pares” aqueles que elegemos como nossos iguais ou equivalentes, ou seja, aqueles por quem nutrimos um respeito e/ou admiração suficientes para fazer com que nos importemos com as percepções deles.

4

Dado que muitas pessoas nutrem algum tipo de respeito e/ou admiração por pessoas que não são parte de sua sociedade e, por vezes, seres que são ficcionais, parece-me razoável supor que para ser um de nossos “pares” não é preciso ter qualquer outra característica além da já citada

anteriormente, qual seja, ser capaz de nos fazer nutrir por eles um certo respeito e/ou admiração. Assim, até mesmo um amigo imaginário pode ser um de nossos pares, que podemos, portanto, dizer de divindades cuja existência não pode ser provada? Ora, é irrelevante que a divindade exista ou não, pois ela existe na mente de uma pessoa, o que, para a tal pessoa, é suficiente para gerar o respeito e/ou admiração. O mesmo se aplica a pessoas reais que estão distantes ou até mesmo mortas (podemos respeitar alguém de quem apenas ouvimos falar, ou alguém de quem lemos a respeito, ainda que as informações que obtivemos sejam incompletas ou inverídicas), o mesmo se aplicando a personagens explicitamente ficcionais.

5

Qual a origem do significado? Estou inclinado a acreditar que Ayn Rand, entre outras pessoas, tem razão (ao menos parcial) ao afirmar que o significado percebido por nossa mente é oriundo de nossas realizações. Embora a avaliação de “bom e mau” ou “certo e errado” possam vir de fonte externa que são nossos pares (conforme reflexões 3 e 4), é de nossa ação individual, ou seja, de fonte interna, que deriva o significado percebido por nossas mentes. De fora podem vir os valores, as réguas pelas quais nos avaliamos, mas apenas as nossas ações individuais podem gerar significado de fato para nós.

6

Somos, todos nós, seres dotados de uma capacidade de abstração fantástica. De certa forma, conseguimos representar em nós os feitos de um grupo. Podemos, por ser brasileiros, sentir-nos felizes e “realizados” com a vitória de um jogo importante do time que representa o Brasil no futebol. Contudo, estou profundamente relutante em acreditar que consigamos sentir de fato o tal feito como se nós mesmos o tivéramos realizado. Nossa capacidade de abstração não parece ser tão boa assim. Por quê? Estou inclinado a acreditar que a resposta está no pensamento que já manifestei: os significados reais são oriundos de nossas ações (fontes internas) e não das ações de terceiros. Por mais que sejamos capazes de sentir pela realização de uma entidade abstrata da qual fazemos parte, tal coisa é um substituto parcial para feitos concretamente nossos (percebidos por nós como concretamente nossos).

7

Quando temos valores a seguir (fonte externa), podemos avaliar nossas ações. Se entendemos (conforme nossos valores) que é “bom” tocar uma música, e efetivamente agimos neste sentido e concretamente realizamos o ato de tocar uma música, nossa ação tem um significado moralmente sancionado por nossos pares. Esta realização nos dá significado e nos faz sentir que nossas ações importam (ou seja, que há sentido naquilo que se fez, que não foi em vão). É este poder de realização que nos faz sentir bem com nós mesmos ao perceber que nossos atos almejam algum tipo de finalidade. É insalubre ao ser humano o agir sem ver em suas ações um sentido.

8

Importante retomar e relembrar: o significado vem de nós mesmos e não dos outros. Por mais que os valores que avaliam nossas ações (julgando-as como “boas” ou como “más”) venham de terceiros, ou seja, por mais que os valores venham de fonte externa, o significado é produzido internamente. Nós somos os juízes de nossas próprias ações perante nossas próprias mentes. Se todas as pessoas do mundo acreditarem que fizemos algo “bom”, mas nós mesmos, o autor da ação, acreditarmos que não fizemos o tal algo “bom”, nós não nos sentiremos realizados. O mesmo, é claro, acontece no sentido oposto. Se acreditarmos que fizemos algo “bom” e ninguém

mais acreditar, sentiremos a realização que fizemos a despeito da incredulidade dos terceiros. Assim, se temos como valor que é bom tocar uma música de maneira bem feita, e eu toco a música de uma maneira que considero mal feita, eu não me sentirei realizado mesmo que a minha platéia ache que toquei a música da maneira que deveria. E mais! É possível que a aceitação, por parte da platéia, da qualidade da minha apresentação (a qual achei ruim) me faça desconsiderar a platéia (no todo ou em parte) como meus pares, ante a dissonância que existe entre os valores da platéia e os meus.

9

Retornando ao caso das abstrações num jogo de futebol da seleção brasileira (reflexão 6). Os efeitos da realização de uma abstração, acredito, são substitutos parciais para os feitos que consideramos como concretamente nossos. Assim, o fato de eu ser brasileiro não é suficiente para que eu me sinta realizado pela vitória da seleção brasileira. Ainda que eu fique feliz pela “vitória do Brasil”, já que eu sou brasileiro, isto não é suficiente para me fazer sentir que aquela foi uma vitória minha. Isto muda se eu fizer algo (uma ação concreta) que contribua com a vitória da abstração (o Brasil). Por exemplo, se eu contribuir com dinheiro para financiar o time de futebol da seleção, isto pode me fazer sentir que a vitória do Brasil é, em parte, concretamente uma vitória minha. Se eu estiver trabalhando como parte do suporte técnico do time, talvez isto me dê uma sensação de realização ainda maior. Se eu for um dos jogadores, talvez a “vitória do Brasil” passe a ser idêntica (em minha mente) a uma vitória minha. Assim, estou profundamente convencido de que quanto mais agimos concretamente para ajudar uma abstração a realizar algo, nós sentiremos que a realização é, em parte, concretamente nossa.

10

Percebe-se que estou convencido de que nosso sentimento de realização deriva de nossas ações. Quando falo em “ações”, refiro-me a “ações ativas”, as quais chamarei aqui de “práticas ativas” doravante. Com isto, esclareço que não estou tratando de todos os tipos de ação humana, como é estudada na praxeologia, mas apenas de ações nas quais se faz algo de maneira ativa. Assim, para os fins deste escrito, não trato como ação ativa o ato de ficar parado sem fazer nada (embora na praxeologia mesmo a inação seja considerada ação humana, para os fins deste trabalho não a considerarei como prática ativa). Também não trato como prática ativa os atos de assistir a algo, ou de ler, ou de ouvir, ou similares, pois serão tratados como práticas passivas. Assim, ler o livro é prática passiva, escrever é prática ativa; assistir ao jogo de futebol é prática passiva, jogar é prática ativa.

11

Estou profundamente convencido, ainda, de que nossos valores podem vir (e com frequência vêm) exclusivamente de seres cuja presença não está fisicamente próxima à nossa. Nossos valores, como já dito, vêm de fatores externos, de nossos “pares”. Somos bombardeados por valores morais o tempo todo, vindos de todos os lados da sociedade, inclusive de seres fictícios. Como os valores vêm de fontes diversas, com frequência muitos deles são contraditórios entre si. Os valores que temos são, portanto, um amálgama dos valores recebidos ao longo da vida, os quais racionalizamos da maneira que podemos e tornamos em código moral (ou código de conduta). As racionalizações dos valores, portanto, acabam por excluir valores recebidos por nós de certas fontes, enquanto ampliam valores recebidos de outras fontes. Assim, pode-se chegar a situações em que não damos relevância aos valores de nenhuma pessoa próxima a nós fisicamente, e somos guiados por códigos

morais de pessoas distantes (muitas vezes já falecidas). Talvez exista aqui algum mecanismo similar ao do “capital simbólico” de Bourdieu que nos permite julgar, por muitas vezes inconscientemente, cada um dos terceiros (ou grupos de terceiros) como “adequados” ou “não adequados” à tarefa de servir como fonte de valores para nós.

12

Estou convencido, portanto, de que o sentido da vida deriva, ao menos em grande parte, dos significados que nós produzimos por meio de nossas práticas ativas. Tais significados, contudo, apesar de serem produtos de ações individuais, são julgados por cada um de nós com base em valores de um código moral que vem de terceiros. Assim, é possível sentir realização ainda que todas as pessoas fisicamente próximas a nós não julguem nossas práticas ativas como “boas”. Ora, os valores são externos a nós, mas as práticas são individuais e o julgamento final de cada prática também é individual, apesar de ser feito com base nos valores que vêm de fora.

13

Estou inclinado a acreditar, portanto, que o sentido da vida é literalmente criado por cada um de nós, para si, por meio de significados produzidos também por cada um de nós em nossas práticas ativas.

14

É seguro supor que podemos produzir significado mesmo que vivamos sob os valores de pessoas fisicamente distantes. A possibilidade, entretanto, de se produzir significado para nós mesmos deixando de lado os valores das pessoas próximas a nós não exclui o sofrimento oriundo da má avaliação que sofremos das pessoas fisicamente próximas a nós. Podemos nos sentir realizados por conta do significado de nossas práticas ativas, mas talvez isto não seja suficiente para dar sentido à vida de maneira plena, ou talvez tenhamos uma vida com sentido, mas não nos sentiremos plenos. Talvez seja necessário também o sentimento de efetivamente fazer parte de um grupo, ou seja, de efetivamente sentirmos o reconhecimento das pessoas fisicamente próximas a nós. Ora, se nós temos a necessidade de julgar nossas ações sob os valores de terceiros, é natural supor que temos a necessidade de estar fisicamente próximos destes terceiros para sentirmos fisicamente que os significados de nossas práticas ativas de fato têm validade ante os valores de terceiros.

15

Estou particularmente convencido de que uma vida constituída exclusivamente de práticas passivas é incapaz (quase totalmente) de produzir significado. É possível que, por medo das consequências de nossas ações, ou mesmo por preguiça, acomodação com o atual estado das coisas, ou qualquer outro motivo, nós optemos por evitar práticas ativas, dando preponderância às passivas. Tal coisa pode se dar por motivos conscientes ou inconscientes (para a presente reflexão, não faz diferença se são conscientes ou não). Assim, é natural supor que em vários momentos existam pessoas que tentam extrair significado das práticas passivas, como ao ler um bom livro, ouvir uma boa música, acompanhar pesquisas científicas ou o desenrolar de uma boa história, etc. Contudo, se estão corretas as reflexões a que me propus até aqui, as práticas passivas podem trazer um sentimento de pertencimento e de admiração, podem até mesmo trazer o prazer e o júbilo, mas são incapazes de nos galardoar com o sentimento de realização, sem o qual não podemos produzir significado para nós mesmos. Dito de outra forma, à produção de significado não basta ler um bom livro, é preciso escrever; não basta ouvir boa música, é necessário fazer música; não basta acompanhar o

desenrolar de pesquisas, há que se pesquisar; não basta acompanhar uma boa história, é preciso criar.

16

Estou também convencido de que muitas pessoas acabam por buscar em substitutos o sentimento de realização. Ante as reflexões anteriores, segue que há pessoas que evitam agir ativamente. Tais pessoas têm necessidade de realização, sem obter tal sensação e, o que é provável, sem sequer identificar a necessidade que se tem. Sentindo que falta algo, algo que suas práticas passivas não preenchem plenamente, é natural supor que tais pessoas podem acabar por tentar preencher a lacuna que existe com qualquer novidade que possa gerar movimento em seus sentimentos, ou ainda por meio da intensificação dos sentimentos que já conhecem (por exemplo, ao constatar que ler um bom livro e ouvir boa música não são mais suficientes, tenta-se conhecer o autor do livro e ouvir a música num show ao vivo).

17

Estou inclinado a acreditar que há, entre outras, duas situações capazes de nos afastar contundentemente das práticas ativas: a falta de “pares” fisicamente próximos e a evidente impossibilidade de grandes realizações. Por vezes, podemos não ter fisicamente próxima de nós nenhuma pessoa que consideremos um de nossos pares; tal falta pode ser contundente ao retirar qualquer vontade do indivíduo de realizar algo perante pessoas que, imagina ele, não têm os valores corretos para avaliar sua realização (ou, em cenários mais específicos e dramáticos, pode-se chegar à conclusão de que tais pessoas não são merecedoras de tais realizações). Talvez culturas mais voltadas a realizações altruístas (“fazer o bem sem olhar a quem”) sejam beneficiadas por uma menor propensão a cair neste erro, visto que inconscientemente são guiados a realizar independentemente de terem, ou não, próximos a si pessoas que eles consideram seus “pares”, embora isto, por sua vez, traga também o problema de aumentar os níveis de frustração ao ver suas realizações reiteradamente julgadas como “más”. Podemos ainda, por vezes, nos deixar intimidar pela nossa incapacidade de realizar grandiosas práticas ativas (no fim, não somos capazes de salvar o mundo), e isto pode nos levar a cair no erro de imaginar que só é relevante realizar práticas grandiosas. Cabe observar que nossas mentes não funcionam de maneira linear, logo, o sentido de proporção de nossos sentimentos não parece avaliar tais realizações por seu tamanho aparente na hora de nos recompensar com sentimentos (em outras palavras, pequenas realizações podem produzir um grande significado ao autor, e vice versa). Pequenas realizações (como limpar seu próprio quarto pela primeira vez) podem ser mais que suficientes para produzir todo o significado que uma mente precisa, ainda que talvez isto não seja o suficiente durante toda a vida.

18

Estou convencido de que as práticas passivas, apesar de incapazes de produzir significado, podem produzir prazeres. Embora o puro prazer não possa suprir a falta de significado, ele ainda causa certo gozo, que talvez alivie a dor da falta de significado. Assim, a falta de significado, além de poder gerar impulsos que intensificam as práticas passivas (vide reflexão 16), gera a sensação de que é preciso buscar um gozo cada vez maior, ou inovador, a cada momento. Talvez isto leve a impulsos como o de comprar algo desnecessário, vez que a compra traz em si uma novidade satisfazendo um desejo (e criando um gozo novo), ou o desejo irrefreável de passar por novas experiências, as quais se revelam iguais às experiências normais tão logo se esvaia o gozo da novidade.

A conclusão geral a que cheguei, se é que é possível concluir algo de fato a partir de tudo aqui escrito (e estou convencido de que sim), é que nós, como humanos, temos necessidade de prazer (ou gozo) para tornar a vida agradável; são as concretizações de nossos desejos. Contudo, a mente humana precisa de significado. Sem significado, concretizar um desejo traz apenas uma nova necessidade de concretizar um novo desejo, em outras palavras, sem significado, não vemos propósito em nossas ações (literalmente, estaremos fazendo as coisas sem motivo). O significado é produzido para dar sentido ao que fazemos e, sendo a vida a sequência de tudo o que fazemos, dar sentido à vida. Só podemos produzir significado por meio de nossas realizações (práticas ativas que estão alinhadas com nossos valores), diferentemente dos prazeres, os quais têm o potencial de serem produzidos por meio de quaisquer ações, de qualquer tipo. Porque nossos valores são “herdados” de terceiros, as realizações têm o poder de produzir significado por elas mesmas, mas poderão produzir também prazer se forem explicitamente reconhecidas como “boas” por nossos “pares”. Tudo parece também indicar que é saudável dedicar-se a entender minuciosamente os valores a que você está exposto e enveredar em práticas ativas que poderão proporcionar realizações, e ainda é importante entender os valores segundo os quais vivem as pessoas fisicamente próximas a nós, pois parece ser saudável ter fisicamente próximo a si as pessoas que compartilham dos seus valores. Eis aí as bases das boas práticas para conscientemente dar sentido à própria vida.

#### IMPORTANTE

Esta obra não tem a presunção de ser tratada como um estudo *peer-reviewed*, tampouco pretende dar a entender que as reflexões acima se aplicam a todos os seres humanos.

Antes, trata-se apenas de um conjunto de reflexões que tem por objeto as experiências e conhecimentos diversos adquiridos pelo autor ao longo de seus dias. É natural supor que, pela própria natureza do trabalho, as reflexões acima se apliquem exclusivamente ao próprio autor, embora exista a grande possibilidade de que os demais seres humanos compartilhem destes mesmos “mecanismos” – podem ser biológicos, sociais ou psicológicos (parece que são todos) – que aparentam ser a base para a produção de significado.